



# OFICINA DO CES

**ces**

Centro de Estudos Sociais  
Laboratório Associado  
Faculdade de Economia  
Universidade de Coimbra

**PAULO R. BARONET**

**PORQUE SE DÁ O DESPOVOAMENTO DAS REGIÕES  
DO INTERIOR: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS  
TRAJETÓRIAS DE SAÍDA**

**Abril de 2012  
Oficina nº 383**

**Paulo R. Baronet**

**Porque se dá o despovoamento das regiões do interior:  
a construção social das trajetórias de saída**

**Oficina do CES n.º 383  
Abril de 2012**

**OFICINA DO CES**

Publicação seriada do

**Centro de Estudos Sociais**

Praça D. Dinis

Colégio de S. Jerónimo, Coimbra

**Correspondência:**

Apartado 3087

3000-995 COIMBRA, Portugal

**Paulo R. Baronet\***

Mestre em Sociologia

Santa Casa da Misericórdia de Castro Daire

**Porque se dá o despovoamento das regiões do interior:  
a construção social das trajetórias de saída**

**Resumo:** O despovoamento do território é uma realidade geográfica complexa, relacional e dinâmica. Como tal, determina processos complexos que configuram os espaços de vida, como o percurso daqueles/as que tiveram de migrar.

Pretende-se argumentar neste artigo que a construção social das trajetórias de saída resulta de uma relação complexa, articulada entre as oportunidades de emprego, as disposições individuais de crer e agir dos/as jovens adultos/as e as suas condições sociais objetivas (idade, sexo, estado civil, habilitações literárias, condição de classe, entre outros). Desta relação prevê-se a articulação de diversas lógicas de interpretação, que se constituem como elementos contextuais do modo como os/as jovens adultos/as definem as suas trajetórias de saída.

**Palavras-chave:** disposições individuais; jovens; oportunidades de emprego; trajetórias de saída.

*Como diz que se chama a aldeia que se vê lá em baixo?*

*- Comala, senhor.*

*- Tem a certeza de que já é Comala?*

*- Tenho, Senhor.*

*- E porque é que tudo parece tão triste?*

*- São os tempos, senhor.*

*(Rulfo, 2010: 20)*

## **Introdução**

A sociedade portuguesa contemporânea é atualmente uma sociedade polarizada, diferenciada e assimétrica (Reis, 2000; Gaspar, 2006), resultante das diversas transformações sociais que tem sofrido nas últimas décadas. Apesar de o território nacional aparentar ser um todo equilibrado, se o analisarmos à lupa da nossa interpretação, constatamos que em vez de um, existem diversos territórios, cada qual com a sua morfologia social, cultural, económica, simbólica e política. Assim sendo,

---

\* Agradeço ao Professor Doutor Pedro Hespanha pela leitura da primeira versão deste artigo, tendo sido fulcrais as suas sugestões, para que o artigo adquirisse uma forma mais inteligível e reflexiva. O amadurecimento das ideias aqui expressas deve-se muito à sua orientação ao longo dos últimos 5 anos. Agradeço igualmente ao Professor Doutor Claudino Ferreira a amizade e o apoio demonstrado/o no decorrer do meu percurso sociológico.

quando interpretamos a relação entre o campo e a cidade, teremos que ter em consideração as diversas particularidades e especificidades tanto dos campos como das cidades. Nesta vastidão, uns lutam para se afirmarem. Outros vangloriam-se de serem dinâmicos e produtivos. Outros, ainda, orgulham-se por terem uma visão de futuro que facilmente se adapta ao mundo globalizado e comunicacional, que é o mundo de hoje.

No entanto, nem todos os espaços se conseguem afirmar, dinamizar ou produzir mais-valias. As regiões rurais do nosso Portugal Chão, sobretudo as periféricas ou remotas, vivem hoje o oposto de tudo aquilo que o litoral defende e procura captar. As assimetrias, os contrastes e os desequilíbrios são já de uma grandeza tal que existem espaços condenados ao abandono e ao esquecimento.

Não é necessário ser-se especialista na matéria para se chegar à conclusão que os espaços rurais se despovoam, envelhecem ou desertificam. Este facto é facilmente captado pelo senso comum das pessoas que vivem nesses lugares, que compreendem exatamente as consequências que a migração da sua população ativa emprega nos seus quotidianos. Se tomarmos como exemplo a aldeia de Arnal em Trás-os-Montes, constatamos facilmente esse facto. Com apenas 15 habitantes, esta aldeia compreende sem esforço as consequências do despovoamento do território. Os tempos são de hoje mas, os outros, os de outrora, ficam na memória. Já não existem bailes. As ruas são desertas ou frequentadas pelos escassos idosos que lá vivem. Os gritos das brincadeiras das crianças parecem um eco remoto; e até o barulho do gado já não é o mesmo. O número reduzido de crianças leva ao encerramento de escolas. A saída dos jovens extingue o reboiço. Os migrantes buscam melhores condições de vida noutros locais, alguns além-fronteiras. E os terrenos agrícolas, esses, alguns são abandonados, ficando neles somente as ervas daninhas e as silvas que crescem sem medida e controlo (Lima, 2010).

Estas são algumas das consequências previsíveis que várias regiões do interior sofrem no contexto do despovoamento do território. Mas, não querendo alongar a discussão em torno das consequências que o despovoamento do território, enquanto efeito, provoca nas regiões do interior, procuraremos neste artigo analisar mais precisamente o despovoamento enquanto ato, isto é, o modo como se constroem socialmente as trajetórias de saída.

Este artigo resulta de uma investigação<sup>1</sup> onde se procurou explorar o tema do despovoamento do território das regiões do interior, tomando como exemplo o concelho de Castro Daire. Tratando-se de um estudo de cariz microsociológico recorreu-se a entrevistas exploratórias, para assim se captar as representações, as práticas e as informações de ordem cognitiva e afetiva (Ghiglione e Matalon, 1997) dos/as jovens, antes e depois de terem migrado. Nesse sentido, houve a preocupação de compreender as disposições individuais que eles/elas sentiam antes da saída, bem como o significado atribuído aos seus percursos migratórios, desde a decisão de sair até à integração em contexto urbano. Este passo foi de mera importância, porque por detrás da construção social das trajetórias de saída está todo um contexto encruzilhado, no qual os/as jovens se posicionam e sobre o qual tomam decisões. Essa encruzilhada define-se na transição entre a escola e o trabalho, acabando os/as jovens por ter que interpretar as suas estratégias de emprego à luz de condições sociais objetivas e das respetivas disposições individuais.<sup>2</sup>

A abordagem e o olhar sociológico permitiram compreender os significados que os/as jovens atribuíram aos seus percursos migratórios, complementando os estudos baseados em análises estatísticas, documentais ou macrossociais, que dificilmente chegam suficientemente perto das pessoas. A natureza desses estudos, ao fazer escapar do controlo da nossa análise aspetos microsociológicos, como sejam as expectativas, os percursos, os projetos e as ambições de quem migra, impede-nos de ter uma visão abrangente e multidisciplinar sobre o problema. Ao atribuímos uma especial atenção ao papel que as pessoas assumem no contexto migratório, explorando as suas subjetividades e as respetivas disposições individuais, quer herdadas, quer adquiridas, procuramos assim enriquecer, complementar e atualizar os estudos já realizados em Portugal sobre o despovoamento do território, abrindo novas pistas para futuras investigações.

---

<sup>1</sup> Os argumentos agora apresentados neste artigo resultam de uma investigação por mim conduzida no âmbito do meu mestrado em Sociologia.

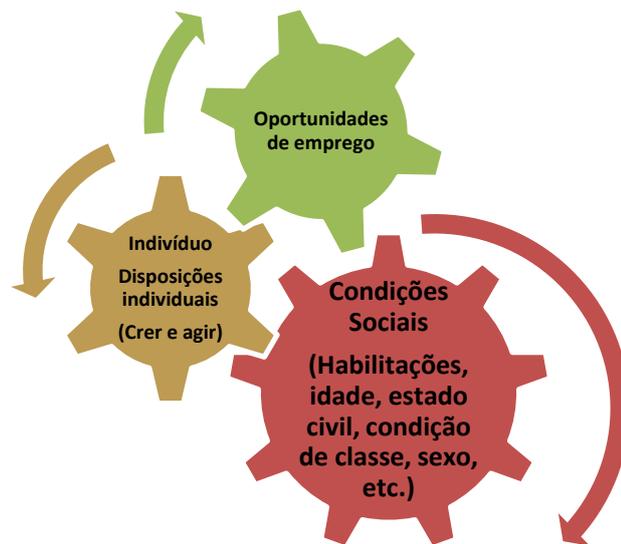
<sup>2</sup> Os/as jovens assumem posições distintas no contexto encruzilhado que antecede a saída. As disposições de crer e agir dos/as jovens são tão diversas, como diversos demonstraram ser os perfis de saída. Apesar de os/as jovens terem em comum o facto de terem migrado, diferenciam-se no que toca às disposições individuais sentidas durante a preparação dos percursos migratórios. Se uns saem sem hesitar, porque não se identificam com o concelho, ou porque as oportunidades de emprego não lhes satisfazem expectativas, projetos e ambições, ou não se ajustam às suas qualificações, noutros casos a saída é sentida como um fardo pesado, porque é tudo, menos desejada. O perfil de jovens que procuram uma reaproximação ao concelho demonstra claramente este último facto. Estamos a falar de jovens que atualmente vivem na cidade, mas que fazem tudo para se reaproximarem do campo.

## A construção social das trajetórias de saída

A construção social das trajetórias de saída deriva da articulação entre diversas variáveis que se conjugam no sentido de dar expressão ao fenómeno do despovoamento do território. O estudo revelou que essa construção se deve, entre outras, à relação entre as oportunidades de emprego, as disposições individuais de crer e agir próprias dos/as jovens (*hábitos de ação, ambições, juízos de valor, expetativas, projetos, ideais, etc.*) (Lahire, 2005) e as condições sociais objetivas em que se encontram (*sexo, idade, estado civil, habilitações, condição de classe, entre outros*).

Trata-se aqui de uma relação complexa que articula aspetos individuais, biográficos e subjetivos, com critérios puramente sociais.

Gráfico 1 - Relação implícita na construção social das trajetórias de saída



Assim sendo, a relação indivíduo/sociedade é aqui entendida não como uma dicotomia, mas enquanto uma relação dialética e interdependente, que configura o modo como os/as jovens se posicionam no contexto encruzilhado que antecede a saída. Essa encruzilhada, por sua vez, ocorre biograficamente na transição entre a escola e o trabalho, da noção de dependência para a ideia de independência, e da condição de jovem para a de adulto. Neste seguimento, o estudo comprovou que a saída dos/as jovens dá-se na transição entre a escola e o trabalho e tudo o que ela implica, sendo este um aspeto comum aos diversos perfis de jovens.

A tomada de decisão que antecede o processo de saída constrói-se com base em

múltiplos fatores. No curso das suas vidas, os/as jovens veem-se confrontados/as com um facto: terminadas as suas trajetórias escolares (obrigatória ou universitária) são chamados/as, pelos imperativos da sociedade, à responsabilidade de terem que construir um percurso pessoal e profissional, que substitua o manto protetor da família, ao qual estiveram dependentes na infância e na adolescência. Vendo terminados os seus percursos escolares, eles/elas são remetidos/as, tal como já descreveu Machado Pais, para diversos contextos de responsabilidade ocupacional, conjugal ou habitacional (Pais, 2003: 30). Assim sendo, veem surgir neste contexto a necessidade de terem que desviar a sua atenção para o mercado de emprego.

No entanto, essa atenção não é meramente um reflexo de um imperativo social. Ela é fomentada igualmente pelas disposições individuais, entre as quais destacamos o desejo de independência e autonomia que permitam, por um lado, evitar uma situação de desemprego e, por outro, a dependência que os/as jovens iriam sentir, estando desempregados/as.

No estudo em causa, o desejo de independência monetária e residencial é um traço importante na vida dos/as entrevistados/as. Apesar de o estudo de Luísa Schmidt (1990) revelar que somente 8.2% dos/as jovens consegue manter a independência de dinheiro e de casa, o certo é que, em geral, os/as jovens, a partir de certa idade, sobretudo quando casam, desejam e ambicionam essa dupla independência.

O caso de Susana não é exceção. Esta jovem, profissional de turismo, trabalha num hotel no Porto. A disposição para ser independente foi-se formando com o tempo. No culminar da sua trajetória escolar sentiu com maior desejo essa vontade de ser completamente autónoma da família.

Eu, falo por mim [...] Sempre foi o meu maior sonho, tornar-me independente o mais rápido possível [...] Eu andava sempre mortinha para acabar o curso para isso acontecer. A partir do momento que acabei o meu curso nunca mais dependi de ninguém, nunca. Porque chega a uma dada altura da nossa vida que qualquer pessoa necessita dessa independência. Não estar toda a vida a pedir dinheiro aos pais, pedir para sair, pedir [...] Sei lá [...] Tens a tua independência, tens o teu dinheiro, tens a tua vida [...] Fazes o que queres e o que te apetece à hora que te apetece. (Susana, técnica de turismo no Porto)

O emprego foi a porta de acesso para Susana se sentir independente e assim construir um percurso biográfico, que, apesar de ser em certa medida forçado pelos imperativos da sociedade, derivou igualmente das suas disposições individuais.

As oportunidades de emprego são, neste contexto, uma variável importante para compreendermos como se constroem as trajetórias de saída. Esta construção poderá derivar das fracas probabilidades de as pessoas se realizarem pessoal e profissionalmente numa dada região, derivando dessa não realização múltiplas consequências que influenciam fortemente a decisão de migrar: o acesso restrito a diversas esferas da vida social, desemprego, dependência monetária e residencial, diminuição da autoestima, entre outros.

A situação de emprego/desemprego, a par das transformações que ocorrem ao nível da sociedade, colocarão assim os/as jovens perante um contexto de vulnerabilidade que afetará “as formas individuais e sociais de transição para a vida adulta em aspetos como: inserção económica, independência económica, constituição de lar próprio, comportamentos em relação ao consumo, ao dinheiro e ao lazer, comportamentos familiares, estratégias matrimoniais e respectivos sistemas de valores” (Pais, 1991: 946).

### **O desfasamento entre a procura de emprego localizada temporalmente e a oferta de emprego localizada espacialmente**

A construção social das trajetórias de saída está intrinsecamente relacionada com diversas lógicas de interpretação, que influenciam o modo como os/as jovens se posicionam no contexto encruzilhado que antecede a saída.

Uma dessas lógicas caracteriza-se pelo desfasamento entre a procura de emprego localizada temporalmente e a oferta de emprego localizada espacialmente. Ou seja, alguns/algumas jovens constroem as suas trajetórias de saída por não encontrarem emprego no exato momento em que o procuram, sujeitando-se assim a períodos de desemprego que os tornam dependentes, quer do apoio do Estado (exemplo, o Rendimento Social de Inserção), quer da proteção familiar.

A generalidade dos/as jovens entrevistados/as entende que são escassas as oportunidades de emprego no concelho, o que contribui, apesar de o mercado local de emprego não estar fechado em termos absolutos, para a existência de períodos em que dificilmente surge uma oportunidade de emprego. Nesse sentido, como a procura de emprego está diretamente relacionada com as biografias e os percursos sociais dos/as jovens, que são definidas/os temporalmente, existem grandes probabilidades de alguns/algumas jovens se depararem, no período em que procuram emprego, com a dificuldade ou mesmo impossibilidade de se inserirem no mercado.

Neste contexto desfavorável, uma cota-parte dos/as jovens acaba por direcionar as suas estratégias de emprego para contextos que ficam fora do local de origem, tornando-se as cidades importantes fatores de atração. A saída constrói-se assim com base no juízo de valor de que o mercado de emprego local não poderá ser, pela sua natureza restritiva, a única opção de inserção laboral.

Tomemos o exemplo de Catarina, assistente de loja em Viseu.

Catarina, ao terminar a escolaridade obrigatória, e não desejando frequentar a universidade, vê-se na necessidade de arranjar um emprego. Desejando dissociar-se da dependência que sentiu, ao longo da sua infância e adolescência, em relação à família, Catarina aposta num primeiro momento em fixar-se no concelho. Vendo frustradas as suas estratégias de emprego, e tentando diminuir a sua situação de desemprego, redireciona a sua atenção para mercados de emprego de outras cidades, nomeadamente a cidade de Viseu. É aí que Catarina encontra uma oportunidade, que lhe permite exercer uma profissão que, apesar de não ser aquela com a qual sempre sonhou, lhe permite a independência que tanto ambicionava. Desde 2007, Catarina trabalha e reside na cidade de Viseu.

Este desfasamento que descrevemos prevê períodos mais ou menos longos de desemprego e tem uma lógica estrutural, porque está diretamente relacionada com a dinâmica do mercado local de emprego. No entanto, torna-se uma lógica relacional ao influenciar outro tipo de lógicas, que articuladas conduzem diversos/as jovens a migrar. O seu efeito é assim tanto estrutural como relacional, o que complexifica ainda mais o contexto encruzilhado que antecede a saída.

### **A discrepância entre as oportunidades de emprego e as expetativas, os projetos e as ambições dos jovens**

Porém, se os/as jovens são chamados/as a procurar emprego e se os efeitos estruturais de desfasamento os/as condenam ao desemprego, o estudo também revelou que para alguns/algumas as disposições individuais são cruciais na construção social das trajetórias de saída. E isto porque, para eles/elas, não basta que haja uma qualquer oportunidade de emprego. É também necessário que encontrem um emprego que lhes satisfaça as suas expetativas, os seus projetos, os seus sonhos e as suas ambições.

Foi o caso de João, consultor em Lisboa.

Saído da universidade, João tem a possibilidade de trabalhar na pequena empresa do pai e, assim, fixar-se no concelho. Mas, ambicionando a sua realização profissional,

assente em estratégias de mobilidade ocupacional (carreira organizacional, recompensas financeiras, de prestígio e poder), decidiu procurar em Lisboa uma oportunidade de emprego que lhe permitisse realizar tal ambição. Exerce hoje em dia a profissão de consultor numa grande empresa, que lhe permitiu associar a sua ambição a essa realização profissional. João vê a ida para Lisboa como a solução mais vantajosa neste jogo que procura associar ambição com realização.

Sou um pouco ambicioso no que se trata à carreira e em constituir uma carreira, porque eu espero um dia quando tiver 40 anos estar bem de vida, digamos. Para isso tenho que ser um pouco ambicioso agora [...]Tenho que constituir a minha carreira e com certeza não é em Castro Daire que o vou conseguir fazer [...] Castro Daire não é sem dúvida um sítio onde possa constituir a minha carreira, logo eu vou ter que sair do concelho. (João, consultor em Lisboa) (Baronet, 2010)

Verificamos através deste exemplo como a disposição (*ambição*) poderá ser fulcral na construção de uma trajetória de saída. Se não fosse a proeminência dessa disposição, provavelmente João teria optado por trabalhar na empresa do pai, porque, como demonstrou na entrevista realizada, identifica-se bastante com o concelho e revela ter laços fortes com a família que visita regularmente, apesar da distância que os separa. Entendemos no caso de João que não basta ter um emprego. O importante é que esse emprego satisfaça projetos e ambições. Na mesma situação de João encontramos a gestora Sofia e a advogada Joana, ambas trabalhando em Lisboa.

Vejamos através do exemplo de Rita (enfermeira em Vila Franca de Xira) como as expectativas se tornam disposições também cruciais na construção de determinadas trajetórias.

Rita tirou o curso de enfermagem em Viseu. É uma jovem que também se identifica fortemente com o local de origem e que, tal como João, também tem laços fortes com a sua família. Ao terminar o curso de enfermagem teve a oportunidade de realizar um estágio de seis meses no Centro de Saúde de Castro Daire. Uma vez concluído o estágio vê-se confrontada com duas oportunidades: a de ficar no Centro de Saúde de Castro Daire e a de ir para um hospital em Vila Franca de Xira. Uma vez que o estágio não lhe satisfizes as expectativas, Rita optou pela segunda, já que essa permitia-lhe a concretização do sonho de trabalhar num grande hospital.

Tal como no caso de João, Sofia e Joana, verifica-se também com Rita que as disposições individuais são cruciais na tomada de decisão que conduz à saída. Se as disposições implicam “ao mesmo tempo a propensão e a aptidão para entrar no jogo e

para o jogar com maior ou menor sucesso”, como postula Bourdieu (1998: 137), neste campo, o jogo dá-se na relação entre as oportunidades de emprego e as disposições individuais dos jovens, relação essa que se consubstancia na discrepância entre as oportunidades de emprego e as expectativas, os projetos e as ambições que alguns/algumas jovens sentem quando interpretam a sua inserção laboral no mercado de emprego local.

### **A descoincidência entre as habilitações dos jovens e as oportunidades de emprego**

Apesar de as lógicas já mencionadas serem pertinentes heurísticamente, não são suficientemente explicativas e abrangentes para dar conta da complexidade inerente do processo de construção social das trajetórias de saída.

É necessário entender que a sociedade portuguesa contemporânea tem assistido a profundas transformações que alteram os padrões sociais e as dinâmicas que esses padrões circunscrevem na sociedade.

Uma dessas transformações é o aumento da procura social da educação, que emana da consagração da igualdade de oportunidades no acesso à educação, da democratização dos sistemas educativos e da melhoria das condições de vida das classes populares (Alves, 1998: 107).

Incidindo sobre as aspirações de acesso dos/as jovens ao ensino médio e superior, Machado Pais já teve a oportunidade de demonstrar, com base num estudo comparativo entre 1987 e 1997, que os/as jovens em 1997 evidenciavam aspirações mais elevadas na obtenção de níveis médios e superiores de qualificação académica. Cerca de 70% dos/as jovens aspira em 1997 à obtenção de um diploma de ensino superior ou de pós-graduação (Pais, 1998a: 190).

Porém, perante este enunciado, que relações poderemos estabelecer entre a aquisição de capitais culturais elevados e a construção social das trajetórias de saída?

O estudo revelou que as trajetórias de saída são também construídas por via da descoincidência entre as habilitações de certos/as jovens e as oportunidades de emprego. Isto significa que as habilitações de alguns/algumas jovens, sobretudo aqueles/as que têm um capital cultural elevado, nem sempre coincidem com as bacias de emprego de uma dada região. Dada a propensão para os/as jovens qualificados/as procurarem um emprego que se ajuste às suas qualificações, verificou-se que existe uma correlação positiva entre a escassez de oportunidades de emprego, as qualificações dos/as jovens e

as suas trajetórias. Assim, quanto maior for a escassez de oportunidades de emprego, maior será a probabilidade de os/as jovens qualificados/as saírem do local de origem. O estudo comprovou que esta correlação se deve ao facto de certos/as jovens qualificados/as serem extremamente ambiciosos/as e exigentes em relação ao mercado de emprego. O grupo de jovens “estudantes ambiciosos, com capitais culturais, satisfeitos com a escola e exigentes em relação ao mercado de emprego” é um perfil já identificado por Machado Pais (Pais, 1998b: 155). Este perfil de jovens foi igualmente identificado no nosso estudo, passando a caracterizar-se como o grupo de jovens “ambiciosos profissionalmente, com capitais elevados, satisfeitos com o emprego e exigentes em relação ao mercado de trabalho”. Este grupo de jovens, perante uma situação de desemprego, eminente ou efetivo, revelou preferir migrar a ficar refém do manto protetor da família perante a situação de desemprego.

A migração consuma-se da descoincidência entre as habilitações dos/as jovens e as oportunidades de emprego existentes no concelho.

### **A divergência entre a vocação dos jovens e as oportunidades dos jovens**

Se as habilitações dos/as jovens nem sempre coincidem com as oportunidades de emprego e se nalguns casos estas são discrepantes em relação aos seus projetos, sonhos, expectativas e ambições, as oportunidades de emprego poderão igualmente ser divergentes em relação às diversas vocações dos/as jovens.

A divergência entre as vocações dos/as jovens e as oportunidades de emprego pode ocorrer de duas formas: pode derivar da lógica de descoincidência, o que significa que, se os/as jovens não encontram uma oportunidade de emprego que se ajuste às suas qualificações, estão a ser automaticamente impedidos de exercer as suas vocações; por outro lado, essa divergência ocorre, porque certos/as jovens desejam exercer vocações que não são passíveis de serem exercidas no concelho, por não existirem setores de atividade que os/as acolham.

Assim, a divergência entre a vocação de alguns/algumas jovens e as oportunidades de emprego abrange mais perfis de jovens do que a descoincidência entre habilitações e as respetivas oportunidades de emprego. Esta última relação refere-se sobretudo aos/às jovens qualificados/as, que, tendo adquirido capital cultural elevado, não encontraram no concelho uma oportunidade que coincidissem com esse capital. Porém, a divergência engloba não só os/as jovens com capital cultural elevado, como

também os/as jovens com qualificações inferiores. Estamos a falar sobretudo de jovens que desejam exercer profissões para as quais se sentem vocacionados, sem que essas vocações impliquem necessariamente habilitações superiores.

Tomemos os exemplos de quatro jovens: Bernardo, consultor informático em Lisboa; Diogo, agente da PSP em Lisboa; Gustavo, jogador de futebol profissional na Trofa; e Rafael, agente da polícia judiciária em Lisboa.

Bernardo é licenciado. Diogo e Rafael possuem o 12.º ano. Por seu turno, Gustavo não chegou a acabar a escolaridade obrigatória. Apesar de terem habilitações diferentes, estes jovens migraram com o objetivo de exercerem as profissões para as quais se sentiam vocacionados. Não as exerceram na terra natal, porque não existiam setores de atividade que englobassem essas profissões. Tal como Bernardo afirma:

Não, nem havia essa possibilidade. A minha área de formação não existe em Castro Daire nem em Viseu, só em grandes centros como Lisboa e Porto, e por isso a minha escolha ficou logo automaticamente feita assim que acabei a universidade. (Bernardo, consultor informático em Lisboa)

Foi com base nessa divergência que estes jovens construíram as suas trajetórias de saída, apesar de terem revelado uma forte identificação com o local de origem e laços de proximidade em relação à família e amigos.

Rafael é casado e tem um filho. A sua esposa vive e trabalha no concelho, não tendo ido com ele para Lisboa. Por esse facto, Rafael tem o anseio grande de se reaproximar do concelho. O facto de Castro Daire não ter polícia judiciária, e sendo esta a sua escolha, torna difícil a dita reaproximação. Como consequência não lhe resta outra solução senão visitar semanalmente a sua família e a terra com a qual tanto se identifica. A fixação local é-lhe assim impossibilitada pela divergência entre a sua vocação e as oportunidades de emprego. Tal como o Rafael afirma:

Sim, com certeza [...] Sempre tenho esse objetivo, o de poder regressar à minha terra mas isso é uma questão que só se poderá colocar quando eu conseguir harmonizar essa minha vontade com a possibilidade de ter, de realizar um trabalho na minha terra [...] Profissionalmente tenho a ambição de poder trabalhar mais próximo da minha terra [...] A nível familiar continuarei a manter esse tipo de vida [...] A minha família continuará aqui em Castro Daire e eu regressarei sempre que puder aqui à minha terra. (Rafael, Polícia Judiciário em Lisboa) (Baronet, 2010)

Neste contexto diríamos que estes jovens constroem as suas trajetórias de saída na divergência entre as oportunidades de emprego e as suas vocações. Movidos pelo desejo de se realizarem profissionalmente nos setores de atividade para os quais se sentem vocacionados, colocam a realização profissional como primeiro objetivo. Nestes casos, a fixação local é impossível, restando-lhes somente permanecer vinculados ao concelho, à família e aos amigos. Para estes jovens não lhes interessa onde exercem as suas vocações, mas sim que as exerçam, e que através desse exercício se sintam realizados, sabendo de antemão que esse facto acarreta consigo a impossibilidade de se fixarem localmente.

### **A influência das redes de apoio e interconhecimento**

Perante tais descoincidências, desfasamentos, discrepâncias e divergências, a influência das redes de apoio e interconhecimento é, nalguns casos, um fator importante na definição das trajetórias de saída.

São importantes na medida em que favorecem a elaboração do projeto migratório, ao mesmo tempo que se denotam como “mecanismos de inserção nas relações sociais urbanas e de acesso aos respetivos recursos” (Costa, 1985: 743).

Tomemos como exemplos os casos de Hugo, cozinheiro em Zurique, e de Francisco, operador de um *call-center* em Lisboa.

Hugo não chegou a acabar a escolaridade obrigatória. Não desejando continuar os estudos, procura no concelho uma oportunidade de emprego. Perante o desfasamento entre a procura e a oferta de emprego, vê-se confrontado com um período de desemprego de oito meses. Após ter ponderado entre permanecer desempregado ou migrar, Hugo toma a decisão de migrar para o estrangeiro, movido pela ideia que lá teria a oportunidade de viver uma vida que não teria em Portugal. A família que tem na Suíça ajudou-o na compra do bilhete, na estadia e na inserção no mercado de trabalho. Facilitou-lhe igualmente a integração, permitindo-lhe frequentar um curso de alemão, enquanto desempregado. Passados onze anos Hugo ainda permanece em Zurique, onde exerce a sua profissão de cozinheiro.

Já Francisco migrou para Lisboa por influência dos amigos que lá tinha. Abdicou de trabalhar num hotel no concelho, para se integrar numa empresa de telecomunicações enquanto operador de *call-center*. Esta mudança radical ficou-se muito a dever à influência que alguns amigos exerceram sobre Francisco. Quando questionado sobre as razões da sua saída, Francisco afirma:

Escolhi Lisboa porque tenho lá amigos e tinha lá emprego que foi arranjado por esses amigos. Esse *call-center* da PT foi onde estavam os meus amigos a trabalhar que me arranjaram lá uma cunha para ir para lá, ou seja, tinha casa e tinha emprego em Lisboa, por isso é que fui para lá. (Baronet, 2010)

Tanto no caso de Hugo como de Francisco a família e os amigos revelaram-se como influentes na construção dos percursos migratórios de ambos, o que torna evidente que as redes de apoio, nalguns casos, são decisivas para a construção das trajetórias de saída.

### **A interdependência entre as diversas lógicas sociais**

Dito isto, acrescentaríamos que as lógicas que temos vindo a descrever são lógicas interdependentes. Apesar de as descrevermos de forma isolada, e de nalguns casos parecerem lógicas semelhantes, é importante que as remetamos para o seu carácter relacional.

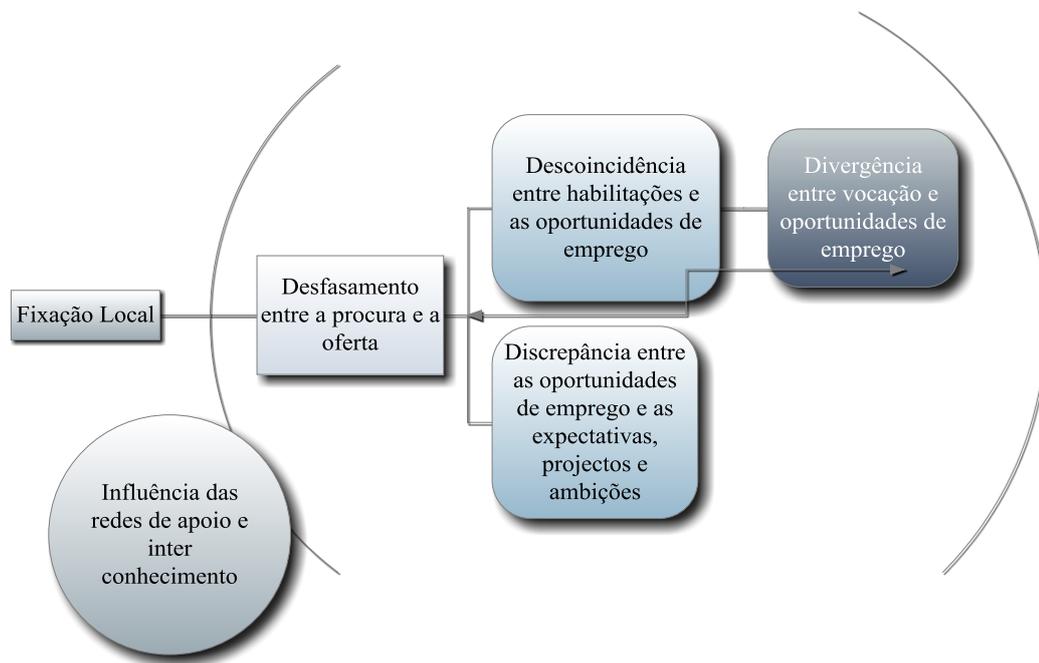
Assim sendo, diríamos sinteticamente que os jovens enfrentam diversos obstáculos proporcionados pelas estruturas socioeconómicas/produativas da região, que lhes dificulta ou impede a fixação local (desfasamento). Nalguns casos, tal dever-se-á ao facto de os/as jovens terem qualificações que não se ajustam ao mercado de emprego local (descoincidência); noutros, dever-se-á ao facto de o mercado não permitir o exercício de certas vocações (divergência). Por outro lado, a fixação local é dificultada porque as oportunidades de emprego nem sempre satisfazem expectativas, projetos, sonhos e ambições (discrepância). Neste cenário, a influência das redes de apoio e interconhecimento é também, para alguns jovens, uma condição relevante para a construção das trajetórias de saída.

Podemos argumentar que as oportunidades de emprego não explicam por si só as lógicas interpretativas que estão por detrás da construção social das trajetórias de saída. Elas terão de ser lidas na relação que assumem com as disposições individuais dos/as jovens e as suas condições sociais objetivas. Será desta relação que podemos identificar diversas lógicas de interpretação que nos ajudam a ler socialmente como se constroem essas trajetórias. Entre outras lógicas possíveis destacamos:

1. O desfasamento entre a procura de emprego localizada temporalmente e a oferta de emprego localizada espacialmente;
2. A discrepância entre as oportunidades de emprego e as expectativas, os projetos e as ambições dos/as jovens:

3. A descoincidência entre as qualificações dos/as jovens e as oportunidades de emprego;
4. A divergência entre as vocações dos/as jovens e as oportunidades de emprego.
5. A influência das redes de apoio e interconhecimento.

**Gráfico 2 - Construção social das trajetórias de saída**



### **Do mercado de emprego à definição dos percursos migratórios**

O mercado local de emprego nem sempre favorece a fixação local, dadas as discrepâncias, as descoincidência, os desfasamentos e as divergências que ele pode prever. Mas por que razão assim é no contexto de Castro Daire?

O estudo revelou que os percursos migratórios dos/as jovens são fortemente influenciados pela natureza do mercado local de emprego. A região de Castro Daire reflete um conjunto de características, que a descrevem como sendo um elo fraco em termos de empregabilidade. Entre outros fatores é de salientar que:

1. As bacias de emprego são fracas e pouco dinâmicas;
2. O grau de integração é reduzido;
3. E o grau de marginalidade elevado.

Esta realidade está estreitamente relacionada com a natureza do mercado local de emprego, e com o nível de desenvolvimento do concelho. Jean-Pierre Gilly, ao falar em mercado local de emprego, procura designar “os movimentos contraditórios em que os diferentes capitais absorvem e rejeitam mão-de-obra” (Gilly, 1987: 117). O que se constata é que o mercado local de emprego de Castro Daire não permite a existência de grandes bacias de emprego entendidas como o “conjunto das relações estabelecidas entre as empresas aí implementadas e a mão-de-obra que utilizam” (*ibidem*). A consequência é que o espaço produtivo local, entendido como um “modo específico de organização industrial, baseado num complexo mais ou menos denso de relações interempresas (dinâmica industrial) e como um local de mobilização e utilização de mão-de-obra de acordo com as políticas de emprego (dinâmica social)” (*ibidem*: 116), é pouco visível no concelho, sendo mesmo, nalguns casos, inexistente. Neste quadro, a fraca e pouco intensa bacia de emprego enfraquece igualmente o mercado local de emprego, gerando-se assim as lógicas de discrepância, desfasamento, influência, divergência e descoincidência que temos vindo a descrever.

Por outro lado, para percebermos como se formam estas lógicas sociais, teremos que ter em conta a dualidade de mercados de trabalho que existe. O mercado primário correspondente a empregos bem remunerados, com boas oportunidades de promoção de carreira, boas condições de trabalho, com uma mão-de-obra experiente e com níveis de qualificação elevados. Pelo outro, o mercado secundário correspondente a empregos mal remunerados e precários, com oportunidades de carreira muito reduzidas, ocupados por uma mão-de-obra pouco qualificada e com baixos níveis de escolarização (Alves, 1998: 119).

Tendo em conta esta conceptualização, o estudo revelou que o concelho de Castro Daire é sobretudo caracterizado por ter um mercado secundário, com escassas oportunidades primárias de emprego para os/as jovens mais qualificados/as, dando assim expressão à lógica de descoincidência entre as qualificações de alguns/algumas jovens e as oportunidades de emprego. Por outro lado, o concelho também se caracteriza por ser pouco recetivo à absorção de nova mão-de-obra, o que favorece as lógicas de desfasamento entre a procura e a oferta. Deste modo, entendemos que a construção social das trajetórias de saída dependerá do modo como as condições sociais objetivas e as disposições individuais dos/as jovens se relacionam com a natureza do mercado local de emprego.

O espaço produtivo local de Castro Daire consiste assim num espaço periférico

quer ao nível da integração (baixas taxas de atividade, poucas profissões liberais, técnicos e quadros superiores, indústria de transformação de pequena dimensão, entre outros), quer pela sua proeminente marginalização (elevadas taxas de desemprego, ainda significativa taxa de analfabetismo, etc.) (Ferrão e Jensen-Butler, 1988).

O fraco grau de integração do concelho reflete-se na fraca oferta de “oportunidades de emprego”, sobretudo para os quadros liberais, técnicos e superiores, o que contribui para a descoincidência entre as habilitações dos/as jovens e as oportunidades de emprego e a divergência entre essas oportunidades e as vocações dos/as mesmos/as. A sua marginalização, por sua vez, associada a elevadas taxas de desemprego, contribui para que alguns/algumas jovens redefinam as suas estratégias de inserção laboral para contextos fora do local de origem, fazendo frente ao desfasamento que sentem entre a procura de emprego localizada temporalmente e a oferta de emprego localizada espacialmente.

Deste modo, os/as jovens estão assim a acionar as suas trajetórias de saída, por referência às lógicas de interpretação que temos vindo a descrever, lógicas que contextualmente emanam da relação entre as características periféricas da região e do seu respetivo mercado local de emprego e do modo como cada jovem interpreta as suas estratégias de emprego, à luz das suas disposições e das suas condições sociais objetivas. Serão as lógicas desfavoráveis do mercado local de emprego que favorecem a construção social dessas trajetórias. Assim sendo, a mobilidade geográfica constrói-se da relação entre um quadro social desqualificante, desproporcional e desfavorecido e a forma como os/as jovens interpretam esse quadro, à luz das suas disposições individuais e sociais.

### **Considerações finais**

O despovoamento do território é uma realidade geográfica complexa, dinâmica e relacional. Implica a construção de trajetórias. Circunscreve numa relação espaço-temporal processos de atração-repulsão. Determina assimetrias regionais. E limita o desenvolvimento de regiões e o acesso das respetivas populações a recursos e condições de vida essenciais para assegurarem a sua cidadania plena.

Tomando como exemplo o concelho de Castro Daire, verificou-se que a construção social das trajetórias de saída deriva da articulação entre distintas variáveis, não se podendo afirmar que essa construção é simples na forma como se expressa.

O despovoamento do território, neste contexto, ocorre num encadeamento

encruzilhado que impulsiona e ativa a construção social das trajetórias de saída dos/as jovens, uma vez que estes/as não encontram outra solução a não ser saírem do local de origem, procurando fora do concelho um quadro de oportunidades mais favorável e qualificante. Nessa construção, as disposições individuais dos/as jovens e as suas condições sociais objetivas, quando relacionadas com as oportunidades de emprego existentes no concelho, são determinantes na definição e construção dessas mesmas trajetórias.

As lógicas de interpretação que emergem desta complexa relação são contextualizadas socialmente à luz da articulação entre a natureza do espaço produtivo local e a forma como os/as jovens interpretam as suas estratégias de emprego, por referência às suas disposições individuais e às suas respetivas condições sociais objetivas.

Por fim, diríamos que olhar a construção social das trajetórias de saída de uma forma relativista e interacionista contribui para que se evitem determinismos sociais, que poderiam advir de vertentes mais estrutural-funcionalistas ou macrosociais. Esse olhar, ao remeter a sua análise também para o indivíduo, as suas disposições individuais, as biografias, os trajetos e as suas condições sociais, quer herdadas, quer adquiridas, complementa uma postura que deverá ser a mais abrangente, relativista e relacional possível.

### **Referências bibliográficas**

- Alves, Natália (1998), “Escola e trabalho, projectos e trajectórias”, in Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (coords.) (1998), *Jovens portuguesas de hoje: resultados do inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora, 53-133.
- Baronet, Paulo R. (2010), *As Encruzilhadas do despovoamento: interior, jovens e emprego. O caso do Concelho de Castro Daire*. Coimbra: FEUC.
- Bourdieu, Pierre (1998), *Meditações pascalianas*. Oeiras: Celta Editora.
- Costa, António Firmino (1985), “Espaços Urbanos e Espaços Rurais: Um xadrez em dois tabuleiros”, *Análise Social*, XXI (87-88-89), 735-756.
- Ferrão, João; Jensen-Butler, Chris (1988), “Existem «Regiões Periféricas» em Portugal?”, *Análise Social*, XXIV (100), 355-371.

- Gaspar, Jorge (2006), “Evolução e perspectivas do desenvolvimento territorial”, in Jorge Gaspar e José Manuel Simões (2006), *Planeamento e Ordenamento do Território*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol.4, 16-28.
- Ghiglione, Rodolphe; Matalon, Benjamin (1997), *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Gilly, Jean-Pierre (1987), “Espaços produtivos locais, políticas de emprego e transformações da relação laboral”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 22, 115-123.
- Lahire, Bernard (2005), “Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 11-42.
- Lima, Paula (2010), “Arnal apenas 15 residentes à vista de Vila Real”, jornal Público de 13 de junho. Consultado a 01/07/2010, em <http://jornal.publico.pt/noticia/13-06-2010/arnal- apenas-15-resistentes-a-vista-de-vila-real-19582302.htm>
- Pais, José Machado (1991), “Emprego juvenil e mudança social: velhas teses. Novos modos de vida”, *Análise Social*, XXVI (114), 945-987.
- Pais, José Machado (1998a), “Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos 10 anos?”, in Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (coords.) (1998), *Jovens portugueses de hoje: resultados do inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora, 189-214.
- Pais, José Machado (1998b), “Grupos juvenis e modelos de comportamento em relação à escola e ao trabalho: resultados de análises factoriais”, in Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (coords.) (1998), *Jovens portugueses de hoje: resultados do inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora, 135-187.
- Pais, José Machado (2003), *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Reis, António (coord.) (2000), *Portugal anos 2000: retrato de um país em mudança*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Rulfo, Juan (2010), “Pedro páramo”, in Juan Rulfo (2010), *Obra reunida*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 17-142.
- Schmidt, Luísa (1990), “Jovens: família, dinheiro, autonomia”, *Análise Social*, XXV (108-109), 645-673.